

# O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil

*The call for letters: migration, culture and identity in the letters of call of Italians in Brazil*

**Federico Croci\***

*Artigo recebido e aprovado em outubro de 2008*

## **Resumo:**

Entre os séculos XIX e XX, um total de um milhão e meio de italianos emigraram para o Brasil. Trata-se de um fenômeno que obrigou seus protagonistas a viver longas, freqüentemente definitivas e dolorosas separações dos afetos familiares e das próprias comunidades. Uma experiência que começou com a travessia oceânica, uma espécie de ritual de passagem em que se concentra simbolicamente a condição do migrante, caracterizada pelo sentimento de erradicação. Os sinais tangíveis deste processo de fragmentação da identidade e das tentativas de recomposição cansativamente, mas obstinadamente realizadas são, precisamente, as cartas que permitem restabelecer um ponto de continuidade com o passado e com a própria comunidade de origem. Os navios singravam os mares com sua carga de mercadorias e homens, acompanhados por uma esteira de palavras e de escritos que, hoje, constituem um testemunho precioso e, sob alguns aspectos, insubstituível para se tentar reconstruir momentos da história da língua italiana em seu contato com a língua portuguesa. Neste artigo analisa-se uma tipologia particular dessas cartas: *as cartas de chamada*. Interferências lingüísticas e aspectos sociolingüísticos da língua escrita nesses documentos são um valioso prisma para analisar câmbios identitários e culturais devidos ao contato entre as duas culturas.

\* Doutor em História Contemporânea pela Universidade de Genova, professor visitante junto ao Departamento de Letras Modernas da FFLCH-USP, na área de Língua e Literatura Italiana. É membro do Comitê Científico do CISEI-Centro Internazionale di Studi sull'Emigrazione Italiana ([www.ciseionline.it](http://www.ciseionline.it)) e pesquisador do ALSP- Arquivo da Escrita Popular (<http://www.dismec.unige.it/webalps/alsp.htm>), centro de pesquisa do Departamento de História Moderna e Contemporânea (DISMEC), da Universidade de Gênova. É pesquisador sênior do PROIN2-USP (Projeto integrado Arquivo Público do Estado / USP, temático FAPESP) onde desenvolve o projeto de pesquisa sobre os imigrantes de origem italiana fichados pelo DEOPS/SP, "Brava gente" *indesejável. Imigração, controle social e repressão dos italianos em São Paulo (1924-1983)*. Coordena o módulo Migrações do LEER-USP (Laboratório de Estudos sobre Etnicidade, Racismo e Discriminação).

---

**Palavras chave:**

Imigração italiana; sociolinguística; escrita popular; cartas de chamada.

---

**Abstract:**

Among the centuries XIX and XX, a total of one and a half million Italians emigrated to Brazil. This is a phenomenon that forced his players to live long, often painful and permanent separations of family affection and communities themselves. An experience that began with the ocean crossing, a kind of rite of passage that focuses on the condition of migrant symbolically, characterized by feelings of eradication. The tangible evidence of this process of fragmentation of identity and the attempts of , but stubbornly held are, indeed, the cards that allow a restore point of continuity with the past and with their community of origin. The ship sets sail with its cargo of goods and men, accompanied by a mat of words and writings that now constitute a valuable testimony and, in some respects, irreplaceable moments to try to reconstruct the history of the Italian language in your contact with the Portuguese language. This article breaks down a particular type these letters: the letters of call. Interference linguistic and sociolinguistic aspects of written language in these documents are a useful prism to examine identity and cultural exchanges due to the contact between the two cultures.

---

**Keywords:**

Immigration Italian; sociolinguistics; popular writing; letters of call.

– Se eu fosse rei, – disse e cuspiu, – se eu fosse rei, nem ao menos uma carta eu mandaria para Farnia.

– Muito bem, Jaco Spina! – exclamou uma das vizinhas. – E como fariam as pobres mães e as esposas sem notícias e sem ajuda?

– Sim! Eles mandam cartas demais! – resmungou o velho e cuspiu de novo. – As mães, trabalhando como empregadas, e as esposas estão se consumindo. Mas porque eles não contam em suas cartas dos problemas que encontram por lá? Contam só coisas boas, e cada carta é para esses rapagões estúpidos como a galinha: – piu, piu, piu – os chama e leva embora, todos eles!

Luigi Pirandello, *L'altro figlio*, 1905

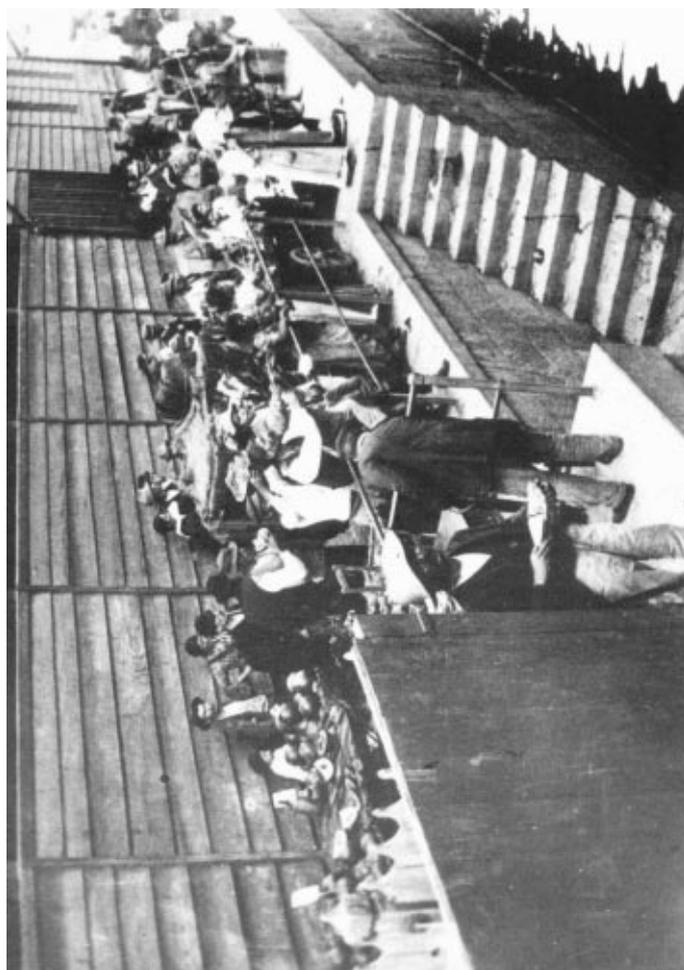
Entre todos os elementos que caracterizam o universo simbólico do fenômeno migratório, a carta é o que reúne um potencial evocativo e de fascínio de apelo excepcional, pelo simples fato de ser um documento privado e pessoal que, pelo menos virtualmente, nos transporta de improviso bem para o meio do evento *emigração*, permi-

tindo-nos observar internamente alguns aspectos ou momentos, inclusive particularmente íntimos, sob o ponto de vista dos protagonistas. O poder de sugestão da correspondência privada deve-se exatamente a essa contaminação entre vida íntima e cotidiana – na qual cada um de nós pode se reconhecer – e a marca direta da História, a passagem do tempo na subjetividade, sem reelaborações e adaptações da memória. Trata-se, sem dúvida, de uma visão parcial, submetida a condicionamentos múltiplos e filtros que cada um dos autores desses documentos está vinculado, mas que nos consente adentrar na exploração das marcas que as transformações sociais, culturais e identitárias provocadas pelo fenômeno migratório deixaram.

Toda história de emigração começa com uma partida, com uma separação, é *a distância* que produz a necessidade de comunicação e a comunicação à distância, naquela época – e pelo menos até a invenção e difusão do telefone – podia apenas ser escrita. Quando os navios carregados de emigrantes estavam para partir, era costume, para aqueles que embarcavam, segurar a ponta de um fio de lã, cuja outra ponta ficava na mão dos parentes que ficavam no cais que a seguravam entre os dedos até o último momento. (Figura 1).

O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil

**Figura 1:** Cais do porto de Génova, começo do século XX<sup>1</sup>



<sup>1</sup> A fotografia formava parte da exposição *Tante Patrie una Patria. L'identità italiana nel mondo attraverso l'emigrazione*, cujo catálogo foi organizado por Stolfi Emanuele, *Italiani nel Mondo*, Mondadori, Milano, 2003, p. 56.

O navio afastava-se e os fios de lã continuavam apertados nas mãos dos emigrantes à bordo e dos parentes em terra até se romperem: tratava-se de um gesto ritual com um significado simbólico paradigmático. Os emigrantes, muitas vezes, passariam a vida inteira na tentativa de juntar as pontas daqueles fios, aquelas ligações familiares, identitárias e comunitárias que se haviam rompido no cais na hora da partida. As cartas são justamente o testemunho deste esforço, desta tarefa impossível: a busca constante para reconstruir, ou manter inalterado, através da escrita, aquilo que a emigração havia irremediavelmente interrompido ou modificado.

No que diz respeito particularmente aos aspectos lingüísticos do fenômeno, antes de mais nada é preciso esclarecer um ponto: o binômio emigrante-analfabeto, muitas vezes considerado felizmente uma condição não absoluta, mas certamente largamente majoritária, seria analisado à luz das relações que se instauraram entre mobilidade geográfica, modernização, desenvolvimento do aparato burocrático do estado e alfabetização. Os fatores que contribuem para a difusão da escrita estão estreitamente ligados à modernização da sociedade<sup>2</sup>. Em primeiro lugar, o desenvolvimento do estado moderno e de seu aparato burocrático e administrativo amplificam as funções de promoção e mediação de escrita implícitas no papel institucional: basta pensar no cadastramento como pretexto de controle e, portanto, de registro escrito dos cidadãos que impõe a todos assinaturas, documentos para preencher, editais, convocações e avisos a serem lidos. A invasão do estado na vida privada de uma população que devia ser submetida a seu controle obriga as pessoas comuns a se confrontar com o mundo escrito, questões legais, regulamentos, comunicados e propaganda. O aparato estatal entra na cotidianidade dos habitantes das cidades e do campo a ponto de se tornar interlocutor e destinatário direto de mensagens escritas, petições, requerimentos, pedidos e súplicas. Em segundo lugar, modernização quer dizer maior mobilidade social e, sobretudo, geográfica, seja porque as condições materiais e tecnológicas favorecem mais facilmente possibilidades de deslocamento, seja porque o desenvolvimento dos mercados a nível internacional impõe um enorme crescimento na circulação de mercadorias e capitais, mas também, obviamente, de homens. Na idade pré-industrial, a mobilidade territorial era um fenômeno relevante – frequentemente ainda hoje subestimado –, mas confinado dentro de setores sociais e segmentos

<sup>2</sup> GIBELLI, Antonio. Pratica della scrittura e mutamenti sociali. In: *Materiali di lavoro*, n. 1-2, 1987, pp. 7-20.

profissionais identificáveis<sup>3</sup>; entre os séculos XIX e XX, a população em movimento aumenta até se tornar um fenômeno de massa.

E é aqui que entra em jogo a ligação entre língua italiana, práticas comunicativas e modernização, porque foi justamente o que os historiadores chamaram de eventos de separação, ou seja, que determinam a separação de membros de uma família, uma comunidade, um país – precisamente como os movimentos migratórios e as guerras – a causa dessa difusão da escrita combinada com uma vigorosa aceleração para a modernidade.

Quanto e como a emigração tenha influenciado na difusão das práticas de escrita das classes subalternas é um fato notório e reconhecido desde o clássico estudo de Tullio de Mauro, de 1963:

O efeito lingüístico da emigração italiana para o exterior foi avaliado até agora pela busca dos italianismos lexicais espalhados em outros países pelos emigrantes e dos exotismos lexicais introduzidos por eles na Itália (especialmente na região de Lucca que, desde 1870-80 foi uma das zonas de altos picos de emigração). Uma vez que uns e outros não são muita coisa, pode-se ser levado a subestimar a importância lingüística da emigração; na verdade esta atuou na situação lingüística italiana de modo mais complexo e profundo do que seria possível encontrar catalogando os exotismos introduzidos por via popular em algumas regiões italianas.<sup>4</sup>

De Mauro prosseguia sua argumentação ilustrando os efeitos da emigração na propagação da alfabetização e, em consequência, de uma língua comum apesar da cultura dialetal, ligada à tradição oral.

Attilio Bartoli Langeli, referindo-se particularmente à história da cultura escrita, também coloca em evidência a relação entre emigração e prática da escrita em um recente trabalho no qual não hesita em definir a Grande Emigração, juntamente com a Grande Guerra, como

as duas experiências de massa [...] que causaram uma produção escrita de massa [...] é como se os emigrantes e os soldados tivessem alcançado, súbita e maciçamente as potencialidades de escrita depositadas no fundo

<sup>3</sup> Cf. PIZZORUSSO, Giovanni. I movimenti migratori in Italia in antico regime. PORCELLA, Marco. Premesse dell'emigrazione di massa in età prestatistica (1800-1850). ambos In: BEVILACQUA, Pietro, DE CLEMENTI, Andreina, FRANZINA, Emilio (orgs.), *Storia dell'emigrazione italiana*. vol. I. Partenze. Roma: Donzelli, 2001.

<sup>4</sup> DE MAURO, Tullio. *Storia linguistica dell'Italia unita*. Roma-Bari: Laterza, 2005. pp. 54-55. Sempre relativamente à abordagem lingüística, a questão língua italiana/emigração – com um balanço bibliográfico preliminar sobre o assunto – foi recentemente abordada, de maneira mais ampla e aprofundada, por VEDOVELLI, Massimo. *L'italiano degli stranieri*. Roma: Carocci, 2002, em particular pp. 111-164; mesmo que não tenha sido feita nenhuma referência específica à questão da escrita da língua e das práticas comunicativas.

da sociedade italiana pela sua longa e tortuosa história de relacionamento com o alfabeto.<sup>5</sup>

E é exatamente a escrita epistolar que se consagra como o terreno por excelência das práticas de escrita das classes subalternas. Armando Petrucci, um dos mais respeitados estudiosos de história da escrita, dedicou seu mais recente estudo justamente à epistolografia e, referindo-se à correspondência de guerra – mas se poderia estender também à emigração – afirmou que

O que pode ser com justa razão definida epistolaridade bélica dos subalternos constitui, no século XX ocidental, o “rio cársico”, ou seja, subterrâneo, e por isso pouco conhecido ou menosprezado, da epistolaridade contemporânea, até pelas suas características difusas e de prestígio, sempre presentes, não somente de aproximação (ou de criação) lingüística, mas também, se não principalmente, de diversidade material e gráfica com relação à produção epistolar burguesa: lápis (frequentemente carvão) no lugar da caneta ou da máquina de escrever; cartão postal, muitas vezes ilustrado (a primeira relação com a correspondente era a escolha da imagem), no lugar de autênticas cartas escritas em folhas dobradas e envelopadas; desordem imaginativa com freqüente recurso à escrita nas margens; ausência ou excepcionalidade de pontuação; cópia mal feita de modelos escolares mais ou menos antigos ou até imitação incerta de modelos burocráticos ou de manuais.<sup>6</sup>

As observações de Petrucci nos transferem imediatamente da questão material da relação com o recurso de escrita para a lingüística, ou seja: em qual língua ou variedade lingüística escreviam nossos emigrantes? É evidente que quem escrevia tinha bem pouca familiaridade com papel, caneta e tinteiro, por isso o exercício da escrita continuará a ser uma tarefa excessivamente trabalhosa, quase um esforço contra a natureza, daí o paradoxo das *lettere di illetterati* [cartas de iletrados] – segundo a definição de Filippo Lussana<sup>7</sup> – que apresentam características gerais comuns: persistência de registros expressivos típicos da oralidade, uso aleatório de letras maiúsculas e minúsculas, dificuldade em separar corretamente as palavras e utilizar a pontuação. O primeiro a se interessar, sob o ponto de vista lingüístico, por esses documentos foi Leo Spitzer, filólogo e italianista austríaco que – ironia da história – foi delegado no departamento de censura militar, com a tarefa

<sup>5</sup> BARTOLI LANGELI, Attilio. *La scrittura dell'italiano*. Bologna: Il Mulino, 2000. p. 156.

<sup>6</sup> PETRUCCI, Armando. *Scrivere lettere*. Una storia plurimillennaria. Roma-Bari: Laterza, 2008. p. 186.

<sup>7</sup> LUSSANA, Filippo. *Lettere di illetterati*. Note di psicologia sociale. Bologna: Zanichelli, s.d. [1913].

de controlar a correspondência dos prisioneiros de guerra italianos durante a Primeira Guerra Mundial. Seu estudo,<sup>8</sup> de 1921, tornou-se modelo dos estudos lingüísticos sobre o *italiano popolare*, termo que ainda hoje causa discussões. Trata-se, em resumo, da variedade lingüística que foi definida pelos especialistas como *italiano popolare* ou *semiculto*.<sup>9</sup> Isto é, o italiano aprendido de modo não completo e não correto por quem tem como língua materna o dialeto. Uma língua cheia de termos regionais e com particularidades próprias, em que foram identificados 28 traços constantes que a caracterizam como variedade lingüística completa. Mas, para além das definições, estamos diante do resultado de um enorme esforço coletivo de comunicação que, não conseguindo encontrar outra saída se não a do italiano, assinala uma primeira importante etapa para se alcançar uma identidade lingüística nacional. Mas não apenas isso. Retomamos mais uma vez as observações feitas sobre este período por Bartoli Langeli:

o italiano popolare é uma maneira de escrever, não de falar; e tem um caráter largamente unitário, supra-regional. Os especialistas identificam nele traços dialetais e locais, mas em número e com incidência relativamente baixa. Apenas os letrados têm condições para escrever em dialeto. Os iletrados, pelo simples fato de ter aprendido a escrever, escrevem em uma língua que entendem como possível, não a língua que falam. Muitos dos fenômenos verificáveis em seus textos não têm, não podem ter uma efetiva correspondência de pronúncia.<sup>10</sup>

Existe um modo de escrever que tem elementos permanentes que são de *longa duração* – a definição ainda é de Bartoli Langeli – nos quais é possível identificar características comuns, de modo que seja possível afirmar que a escrita do *italiano popolare* è

o modo medieval de escrever em italiano. Lendo os manuscritos “populares” dos séculos XIX e XX, tem-se a impressão de que pouco ou nada tenha mudado desde os tempos iniciais da difusão da escrita popular, de que os seiscentos anos que separam o obscuro feitor que escreve em 1314 ao seu padrão dos soldados que escrevem do front ou dos campos

<sup>8</sup> SPITZER, Leo. *Lettere di prigionieri di guerra italiani 1915-1918*. Torino: Boringhieri, 1976.

<sup>9</sup> Cfr. DE MAURO, Tullio. *Storia linguistica dell'Italia unita*, cit.; CORTELLAZZO, Manlio. *Avviamento critico allo studio della dialettologia italiana*. vol. III. Lineamenti di italiano popolare. Pisa: Pacini, 1972; COVERI, Lorenzo. Italiano popolare, scrittura popolare: una prospettiva lingüística. In: *Materiali di lavoro*, n. 1-2, 1987; BERRUTO, Gaetano. L'Italiano popolare. In: IDEM. *Lineamenti di sociolinguistica dell'italiano contemporaneo*. Roma: La nuova Italia Scientifica, 1987, pp. 107-140; BRUNI, Francesco (a cura di), *L'italiano nelle regioni*. Lingua nazionale e identità regionali. Torino: Utet, 1992.

<sup>10</sup> BARTOLI LANGELI, Attilio. *La scrittura...*, op. Cit., p. 168.

de prisioneiros, para as suas famílias estejam em uma linha contínua. No sentido em que, sob o nosso ponto de vista, claro, a reviravolta do século XVI (a codificação gramatical e ortográfica do italiano) e os avanços da alfabetização formal não produziram grandes efeitos sobre esses escritores. Essa maneira de escrever, inicialmente ampla e livre por causa da ausência de uma norma, depois do italiano ter sido normatizado, manteve-se por muito tempo fora e contra ela.<sup>11</sup>

Assim, identifica-se uma linha de continuidade que atravessa os séculos, que representou uma produção surda e informal de comunicação escrita, e se desenvolveu em uma espécie de zona cinzenta, na fronteira entre oralidade e escrita, ou melhor, entre cultura oral e cultura escrita, cujos autores são homens e mulheres das classes subalternas que empunharam a pena mesmo sem dominá-la completamente e exercitaram – na maior parte dos casos, inconscientemente – o próprio *direito da escrita* desafiando uma sociedade que fazia do privilégio e da exclusividade desse direito um elemento discriminante para a exclusão. Que essa produção escrita fosse transformada num autêntico mar de papel no curso do fenômeno migratório exatamente por aqueles que se encontravam em condições de exercitar um outro direito que por definição coloca-se também em uma zona cinzenta e de fronteira, o *direito à mobilidade* ou, como foi definido, *à fuga*,<sup>12</sup> reforça ainda mais a sugestiva imagem da irredutibilidade dessa produção escrita às normas da alta cultura ou culta, mas também sua vivacidade e vitalidade.

### *Escritos de além-mar*

A crescente presença do estado e a recrutamento obrigatório, combinados com a mobilidade sazonal e trans-fronteiriça dos anti-

<sup>11</sup> Ibidem. *La scrittura...*, op. Cit., pp. 166-167.

<sup>12</sup> MEZZADRA, Sandro. *Diritto di fuga*. Migrazioni, cittadinanza e globalizzazione. Verona: Ombre Corte, 2006. É preciso especificar, porém, que exercitar o *direito à escrita* não pode ser identificado diretamente e mecanicamente com um ato de emancipação; aliás, pelo menos até o segundo pós-guerra e, sobretudo em contexto bélico, a escrita e a difusão da prática da comunicação escrita nas classes subalternas representou uma ligação, uma corrente de transmissão das palavras de ordem, dos slogans de propaganda e dos valores do poder e do estado, fosse ele liberal ou regime fascista; cf. GIBELLI, Antonio. *L'officina della guerra*, La Grande Guerra e le trasformazioni del mondo mentale. Bollati Torino: Boringhieri, 1998. pp. 99-102; CROCI, Federico. *Scrivere per non morire*. Lettere dalla Grande Guerra del soldato bresciano Francesco Ferrari. Genova: Marietti (agora Paravia-Scriptorium), 1992, pp. 64-66. GIBELLI, Antonio. *Il popolo bambino*. Infanzia e nazione dalla Grande Guerra a Salò. Torino: Einaudi, 2005, pp. 277-290. O fenômeno assume dimensões macroscópicas em situações de desnível de poder entre remetentes e destinatários da correspondência, cf. ZADRA, Camillo. FAIT, Gianluigi (orgs). *Deferenza. Rivendicazione. Supplica. Lettere ai potenti*. Treviso: Pagus Edizioni, 1991.

gos percursos migratórios abriram estrada à necessidade de escrita nas classes subalternas. O fenômeno das práticas migratórias havia, há muito tempo, alimentado um fluxo que parecia um regato destinado a um tranqüilo e controlado percurso. Mas, por razões que não podemos analisar agora,<sup>13</sup> o regato, no breve giro de algumas décadas, transformou-se em um rio impetuoso. Na cena internacional, desencadeou-se a “grande emigração”, ou seja, a primeira onda migratória de massa, grosso modo compreendida entre 1876 e 1914. Considerando-se a *longa duração*<sup>14</sup> do fenômeno e seu caráter invasivo ao longo de todo território italiano, além do tecido social, pode-se afirmar que a emigração levou dezenas de milhões de pessoas, entre os que partiam e os que ficavam, para o universo da palavra escrita<sup>15</sup>.

Apesar disso, já em 1917, Antonio Gramsci, formulando-se o problema das altas taxas de analfabetismo, identificava na efetiva imobilidade de uma Itália predominantemente rural a causa principal do fenômeno, chegando a sustentar que

existe muita gente que limita a própria vida à igreja, à família. Não sentiu necessidade de aprender a língua italiana porque para vida comunal e familiar basta o dialeto, pois suas relações terminam todas na conversação em dialeto. A alfabetização não é uma necessidade, e por isso se torna um suplício, uma

<sup>13</sup> A literatura sobre o assunto é vastíssima, para uma síntese das causas da emigração italiana indico um texto de Emilio Franzina, já um clássico, cuja primeira edição é de 1976, e que atualmente recebeu uma edição brasileira da Editora Unicamp, cf. *A Grande Emigração*, Campinas 2006. Ver também Ciuffoletti Z. e Degl’Innocenti M., *L’emigrazione nella storia d’Italia 1869-1975*. Firenze: Vallecchi, 1978; SORI, E., *L’emigrazione italiana dall’unità alla seconda guerra mondiale*, Il Mulino: Bologna, 1979.

<sup>14</sup> Cf. DEVOTO, F.J., Emigrazione italiana: un fenomeno di lunga durata. In: *Altretaliae*. n. 10, 1993, pp. 75-83.

<sup>15</sup> Talvez seja banal recordar, mas pode-se dizer que não existe classe social, setor profissional e província italiana que não tenha sido envolvida, de modo mais ou menos relevante, pelo fenômeno. Por convenção, toma-se como data de início da “grande emigração” o ano 1876, ano em que começaram os levantamentos estatísticos dos expatriados (cf. pesquisa publicada por Luigi Bodio em 1877, no “Archivio di Statistica”) e se considera o fenômeno totalmente concluído, caracterizado por muitas ondas ou fases – mesmo que ainda hoje existam no território fluxos bastante consideráveis, tanto do sul para o norte da península, quanto para o exterior – no ano de 1976, em que o saldo migratório tornou-se, pela primeira vez, positivo. No que concerne ao aspecto quantitativo, é difícil, dado o caráter periódico da emigração italiana e, portanto, a repetição dos levantamentos sobre os mesmos assuntos, chegar a uma cifra exata do número de expatriados, as estimativas mais confiáveis referem-se a cerca de 29 milhões de pessoas (de 1861 até 1985) e, até 1996, quase 59 milhões de oriundos italianos espalhados pelos quatro cantos do mundo; cf. GOLINI A. e AMATO F., Uno sguardo a un secolo e mezzo di emigrazione italiana. In: BEVILACQUA, P., DE CLEMENTI, A. FRANZINA, E. (a cura di), *Storia dell’emigrazione italiana*. vol. I, cit., pp. 45-60; no mesmo volume ver também MARUCCO, D., Le statistiche dell’emigrazione italiana, pp. 61-75 e SANFILIPPO, M., Tipologie dell’emigrazione di massa, pp. 77-94.

imposição de prepotentes. Para que ele se tornasse uma necessidade seria preciso que a vida em geral fosse mais agitada, que incluísse um número cada vez maior de cidadãos, e assim, fizesse nascer autonomamente o sentimento de necessidade, de necessidade do alfabeto e da língua<sup>16</sup>.

É evidente que as classes cultas, mesmo em seus representantes mais sagazes e sensíveis às problemáticas das classes subalternas, como no caso de Gramsci, parecem não ter a percepção de quanto poderia ser difundida a escrita e do papel fundamental que estava desenvolvendo em relação à mobilidade internacional e intercontinental de milhões de indivíduos. Com certeza não eram minoritários os setores do proletariado italiano que já, em 1917, tinham transposto os limites e as fronteiras muito além da igreja de sua aldeia, mantendo-se penosamente agarrados às ligações familiares justamente pela escrita. É também verdade que o cenário, na época da análise de Gramsci, ainda apresentava luzes e sombras, e nestas últimas deteve-se o intelectual sardo, mas, na verdade, desde a segunda metade do século XIX, quando os movimentos migratórios assumem caráter de massa, as dinâmicas do fenômeno são nítidas e identificáveis. A prática da escrita havia iniciado uma irrefreável e capilar expansão para baixo, como bem nos lembra Edmondo De Amicis:

E acima de tudo me chamavam a atenção os sacos do correio, acumulados num canto, amarrados e bem fechados. Porque dentro daqueles sacos encontravam-se os fragmentos do diálogo entre dois mundos: quem sabe quantas cartas de mulheres que, pela terceira ou quarta vez, pediam dolorosamente notícias do filho ou do marido que não apareciam há anos; e suplicavam para que voltassem ou as chamassem para encontrá-lo; pedidos de socorro, avisos de doenças e de mortes; e retratos de crianças que os pais não mais reconheceriam, e chamados desolados de noivas, e mentiras descaradas das esposas infiéis, e últimos conselhos dos velhos: tudo

<sup>16</sup> GRAMSCI, A., Analfabetismo. In: *La città futura. Scritti 1917-1918*, (a cura di Caprioglio S.). Torino: Einaudi, 1982. No entanto, é preciso lembrar que o próprio Gramsci, em 1933, comentando algumas observações de Ugo Ojetti sobre a carência de uma literatura da emigração, denunciou fortemente o desinteresse dos intelectuais italianos com relação ao fenômeno migratório: “Na Itália sempre existiu uma notável massa de publicações sobre a emigração como fenômeno econômico-social. Não corresponde a uma literatura artística, mas cada emigrante traz consigo um drama, mesmo antes de partir da Itália. Deveria causar menos espanto o fato de os literatos não se ocuparem do emigrante no exterior do que o fato de não se ocuparem dele antes que emigre e das condições que o obrigam a emigrar, ou seja, que não se ocupem das lágrimas e do sangue que na Itália, antes do que no exterior, significou a emigração em massa. Por outro lado, é preciso dizer que se é escassa (e no máximo retórica) a literatura sobre os italianos no exterior, é escassa também a literatura sobre países estrangeiros. Para que seja possível, como escreve Ojetti, representar o contraste entre italianos imigrados e as populações dos países de imigração, seria preciso conhecer esses países e... os italianos”, cf. GRAMSCI, A., *Quaderni del carcere*, org. Gerratana V., vol. III. Torino: Einaudi, 1975, pp. 2253-54.

isto misturado com cartas bancárias repletas de cifras, cartas de amor de bailarinas e coristas, prospectos de negociantes de vermute, maços de jornais esperados pela colônia italiana, ávida de notícias da pátria; talvez também a última poesia de Carducci e o novo romance de Verga: uma confusão de folhas de todas as cores, escritas em cabanas, palácios, oficinas, sótãos, rindo, chorando, tremendo. E todos aqueles sacos, dentro de poucos dias, seriam distribuídos desde a foz do rio Prata aos confins do Brasil e da Bolívia, até as margens do Pacífico e no interior do Paraguai e pelas encostas dos Andes suscitando alegrias, remorsos, dores, medos; os quais, depois, por sua vez, apertados em outros sacos, iriam fazer a mesma viagem, mas na direção contrária, amontoados dentro de outro camarote como aquele, onde veriam passar outras procissões de pessoas pobres que voltavam ao velho mundo, talvez menos pobres, mas não mais felizes do que estavam quando o tinham abandonado com a esperança de uma sorte melhor.<sup>17</sup>

O autor de *Cuore*, que em 1884 embarcou em Gênova no navio Nord America para chegar à Argentina, evidencia nestas linhas um aspecto decisivo da correspondência de emigração: dentro daqueles sacos viajavam de uma margem à outra do oceano uma miríade de informações preciosas emaranhadas em um variegado complexo de sonhos, expectativas, ilusões, desilusões, em resumo, fragmentos do imaginário, estilhaços de identidade e de modelos culturais exatamente no momento em que a experiência migratória é submetida a transformações radicais. A imagem dos navios que atravessam os oceanos transportando sua pesada carga de histórias vividas, mas também de histórias escritas é particularmente eficaz e nos consente ressaltar como a emigração tenha sido não só um grande canal de difusão do italiano no mundo<sup>18</sup>, mas tenha contribuído para formar e construir o italiano moderno.

### *As cartas de chamada, entre documento íntimo e formulário burocrático*

“Inspetoria de Imigração do Estado de São Paulo no Porto de Santos”

Certifico que o senhor Carlo D’Abruzzo, de nacionalidade italiana, com mais de 60 anos de idade, casado, que se acha actualmente em

<sup>17</sup> DE AMICIS, E. *Sull’Oceano*, (org. BERTONE G. con *Prefazione* di GIBELLI A.). Reggio Emilia: Diabasis, 2005. pp. 253-254.

<sup>18</sup> Cf. VEDOVELLI, Massimo. *L’italiano degli stranieri: Storia attualità e prospettive*. Roma: Carocci, 2002. pp. 111-164. Para uma visão panorâmica sobre italiano, particularmente, em São Paulo, indico CAPRARÀ, L.d S. e ANTUNES, L. Z. (orgs.). *O italiano falado e escrito*. São Paulo: Humanitas, 1998, e às inúmeras contribuições de outros colegas publicadas nos números anteriores desta revista. Ver também o projeto de pesquisa coordenado por CAPRARÀ L d S.. *O Italiano dos Italianos de São Paulo*. Sobre escritores de língua italiana cf. GARCEZ GHIRARDI, P. *Imigração da palavra: escritores de língua italiana no Brasil*. Porto Alegre: Est Edições, 1994.

Sant'Angelo de Pesco, (Provincia de Campobasso, Italia) e deseja viajar para o Brasil, é tio do senhor Pascoal de Palatis morador na estação de Ribeirão Pires (município de S. Bernardo, Estado de S. Paulo, Brasil) onde exerce a profissão de canteiro e é proprietário da pedreira denominada São Caetaninho, em cuja companhia e a cujas expensas passará a viver o seu tio acima referido quando vier para o Brasil, não avendo, porisso, nenhum impedimento para o desembarque do mesmo no porto de Santos, uma vez que não soffra de molestia contagiosa e exhiba o presente certificado ás autoridades que comparecerem no acto do seu desembarque.

Santos, 13 de outubro de 1921

[Carimbo de embarque no porto de Nápoles em 24 de abril de 1922]

[Carimbo de desembarque no porto de Santos em 24 de maio de 1922]<sup>19</sup>

I s an ciamè (nos chamaram)  
do testemunho de Enrica Cesari, 2001<sup>20</sup>

Sobre a epistolografia de emigração já existe uma literatura consolidada de cerca de trinta anos de estudos,<sup>21</sup> mas neste caso específico nos ocupamos de *Cartas de Chamada*, ou seja, daquelas práticas que hoje, nos termos da burocracia das migrações, seriam definidas de *reunião de famílias*. Em essência, do que se trata? As *Cartas de Chamada* podem ser subdivididas em dois grandes grupos que se referem à tipologia dos documentos: um primeiro e mais consistente grupo é o que

<sup>19</sup> *Lettera di chiamata*, Arquivo do Memorial do Imigrante de São Paulo (de agora em diante AMISP), São Paulo.

<sup>20</sup> Apud SERVETTI, Lorenza. *Vado nella Merica: è li di là dalle colline. Budrio e la grande emigrazione (1880-1912)*. Veneza: Marsilio, 2003. p. 21, que prossegue informando que “esta era a resposta dada a Enrica Cesari quando perguntava para seus pais porque, muitos anos antes, tinham vindo para o Brasil; e esta frase permaneceu misteriosa para ela por muito tempo”. O testemunho foi dado à autora em 8 de junho de 2001 pela filha de Anselmo Cesari e Maria Treggia que vieram para o Brasil em 1895 e retornaram para Budrio cerca de dez anos depois.

<sup>21</sup> Sobre os escritos dos emigrantes e sobre sua potencialidade como fontes para a história, pode-se citar os clássicos de THOMAS, William Isaac. e ZNANIECKI, Florian. Sobre as cartas de emigrantes poloneses dos anos 1918-1920 (cf. *Il contadino polacco in Europa e in America*, Milano, Edizioni Comunità, 1968, 2 voll. [ed. or. The University of Chicago Press 1918-1920]). Limitando-se ao caso italiano, referência obrigatória é o trabalho pioneiro de FRANZINA, Emilio. *Merica! Merica Emigrazione e colonizzazione nelle lettere dei contadini veneti e friulani in America Latina (1876-1902)*. Milano: Feltrinelli, 1979 (agora Verona, Cierre Edizioni, 1994), seguido pelos estudos de CHEDA, Giorgio sobre os ticinenses na Austrália e Califórnia (cf. *L'emigrazione Ticinese in Austrália*. Locarno: Armando Dadò Editore, 1979; *L'emigrazione Ticinese in California*, Locarno: Armando Dadò Editore, 1981). Mas para limitarmos aos estudos mais recentes – aos quais nos referimos na bibliografia final –, que mostram a situação, tanto com relação ao percurso historiográfico, quanto dos principais elementos da epistolografia popular de emigração, como os conteúdos preponderantes na correspondência, o detalhamento das possíveis funções, e também algumas indicações fundamentais de caráter metodológico, ver GIBELLI, Antonio e CAFFARENA, Fabio. Le lettere degli emigranti. In: BEVILACQUA, Piero A., DE CLEMENTI, Andreina e FRANZINA, Emilio (orgs.). *Storia dell'emigrazione italiana*, Vol. I, *Partenze*, Roma: Donzelli, 2001, pp. 563-574.

chamaremos de *Cartas Oficiais*, trata-se de documentos redigidos em formulários apropriados nos consulados dos países interessados no estado de São Paulo, ou nos departamentos responsáveis da *Inspectoria de Imigração do porto de Santos*, como no caso do documento citado em epígrafe nesta seção; o segundo grupo é formato pelas clássicas *Cartas Privadas*, ou seja, cartas manuscritas, correspondência privada, recebidas do Brasil, que o parente de partida da Itália trazia consigo como testemunho do fato de estar se dirigindo para onde havia alguém que pudesse recebê-lo e manter, não se tratava necessariamente de cartas em que se fazia um informal ato de chamada.

Particularmente, no que diz respeito à imigração italiana no estado de São Paulo, o maior fluxo de entrada de cidadãos italianos registrou-se entre os anos de 1887 e 1902;<sup>22</sup> ingressos que, todavia, tinham um saldo positivo em relação às saídas de cerca de 40%. Uma parte considerável da movimentação nos primeiros anos do século XX, deve-se ao efeito *chamada*, quer dizer, ao que, desde as clássicas formulações das cadeias migratórias,<sup>23</sup> é o papel atribuído aos primeiros que

<sup>22</sup> Refiro-me a fluxos superiores a 30.000 pessoas por ano, com picos de 105.000 em 1888, 131.000 em 1891, 98.000 em 1895, 105.000 em 1897, 60.000 em 1901. A partir de 1902, o ano do decreto Prinetti (medida que, após as denúncias das condições em que eram obrigados a trabalhar os colonos italianos nas fazendas de café que vinham com a viagem pré-paga, proibiu a imigração subsidiada), os ingressos anuais permaneceram sempre abaixo dos 28.027 (quota fixada como limite máximo de imigração anual). Exceção feita para os anos 1912 e 1913, em que houve respectivamente 31.000 e 30.000 ingressos, cf. AESP (Arquivo do Estado de São Paulo), serie Inspectoria de Terras e Colonização, *Boletim da Diretoria de Terras, Colonização, e Imigração*, n. 1, 1937.

<sup>23</sup> Como se sabe, por *cadeia migratória* entende-se o modelo que consente o estudo dos mecanismos que favorecem ou inibem a chegada dos imigrantes ou a partida dos emigrantes – segundo o ponto de vista – incentivados e aconselhados por parentes, amigos ou conterrâneos, no caso da, assim chamada, cadeia informal, familiar ou comunitária; no caso da cadeia formal ou institucional, os mecanismos são disparados pela imprensa, a publicidade ou a propaganda feita por agentes contratados pelas companhias de navegação, ou pelas agências das sociedades de imigração que os governos dos países americanos financiavam. A elaboração do conceito de cadeia migratória remonta à sociologia dos anos 1950, mesmo se na verdade, foi uma categoria que a historiografia italiana subestimou. Além disso, a partir dos anos 1960, contribuiu para a mudança de perspectiva dos estudos migratórios, valorizando o uso dos documentos pessoais na investigação e interpretação das dinâmicas do êxodo. Hoje já podemos contar com uma vasta literatura; relativamente à emigração italiana na América Latina, talvez o caso argentino tenha sido o setor em que se aprofundaram mais as pesquisas. Para um balanço desses trabalhos e as linhas essenciais do debate, ver o número monográfico de *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, *Las cadenas migratorias italianas a la Argentina*, n.8 1988. Como já foi amplamente demonstrado, o modelo das cadeias apresentou problemas de ambigüidade e rigidez que estão implícitos na artificiosa linearidade que a própria imagem da cadeia impõe. As pesquisas mais recentes, ao contrário, privilegiaram a variedade e variabilidade dos movimentos migratórios e, sobretudo, a multiplicidade dos destinos, emaranhados a tal ponto que, como sugeriu Fernando Devoto, já se tornou necessário substituir a metáfora da *cadeia* pela da *teia de aranha*, cf. DEVOTO, Fernando.

chegaram que, principalmente através da correspondência privada, chamam ou convidam a encontrá-los parentes, amigos e conhecidos. São eles que aparecem nas estatísticas dos fluxos, entre os séculos XIX e XX, como *saldo positivo*. Em outras palavras, os que ficam e não voltam para casa, constituem uma base de apoio e um dos fatores de atração dos fluxos migratórios seguintes, ou talvez fosse melhor dizer que constituem um dos nós pelos quais funcionam as redes migratórias. E as cartas são a trama dessas redes, o canal de comunicação, a linfa vital que as sustenta.

Sob o ponto de vista institucional, em 1911, interveio uma lei brasileira que em certo sentido legalizava o uso da *Carta de Chamada*. Por exemplo, introduzia a obrigação da chamada para os maiores de 60 anos e os não aptos para o trabalho:

Parágrafo único. Os maiores de 60 anos e os inaptos para o trabalho só serão admitidos quando acompanhados de suas famílias, ou quando vierem para a companhia destas, contanto que haja da mesma família pelo menos um indivíduo válido, para outro invalido ou para um até dois maiores 60 anos.

O único modo para demonstrar que o migrante vinha para estar com a família e esta estava disposta e apta para sua manutenção era se munir de uma *Carta de Chamada*. No Capítulo II art. 5º, seguinte, especificava-se que o Governo Federal forneceria gratuitamente aos agricultores que chegassem com família “*ou chamados das mesmas*”, desde que aptos para o trabalho, passagem de terceira classe, transporte e acomodações até o destino escolhido, isenção do pagamento das taxas de bagagem e os instrumentos agrícolas úteis ao exercício da profissão declarada: um

---

Algo más sobre las cadenas migratorias de los italianos a la Argentina. In: *Estudios Migratorios Latinoamericanos*, n.19, 1991, p. 342; IDEM. *Le migrazioni italiane in Argentina*. Un saggio interpretativo. Napoli: Officina Tipografica, 1994, p. 48. Entre os trabalhos recentes de Devoto, além do estudo comparado sobre Argentina e Brasil feito com Boris Fausto (cf. FAUSTO, Boris e DEVOTO, Fernando. *Brasil e Argentina: um ensaio de história comparada (1850-2002)*. Editora 34, São Paulo 2005<sup>2</sup>) é preciso ainda citar, pela interessante abordagem “global”, o volume *Historia de la Inmigración en la Argentina*. Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 2003; e o volume recém publicado pela Donzelli, *Storia degli italiani in Argentina*, Roma 2007. Das *cadeias às teias de aranha*, para chegar a um modelo que nos últimos anos adquiriu uma cada vez maior solidez graças também à multiplicação dos estudos que fizeram uso delas: *as redes*. O mesmo Devoto, em 1994, já fazia uso delas em Liguri nell’America australe: reti sociali, immagini, identità. In: RUGAFIORI, Paride e GIBELLI, Antonio (org.), *Storia d’Italia, Le regioni, dall’unità a oggi. La Liguria*. Torino: Einaudi, 1994, pp. 651-688. A este propósito, ver também RAMELLA, Franco. Reti sociali, famiglie e strategie migratorie. In: BEVILACQUA, Piero. DE CLEMENTI, Andreina. FRANZINA, Emilio (orgs.), *Storia dell’emigrazione italiana*, Vol. I, *Partenze*, Roma: Donzelli, 2001, pp. 143-160.

O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil

Locus:  
revista de  
história,  
Juiz de Fora,  
v. 14, n. 2  
p. 13-39, 2008

ótimo motivo para se apresentar com uma Carta de Chamada. E ainda no Capítulo III, art. 18º, dava-se preferência para o embarque com as companhias de navegação autorizadas pelo governo federal para transporte dos migrantes, para os assim chamados imigrantes espontâneos e para os “*chamados por parentes já estabelecidos no Brasil*.”<sup>24</sup>

Apenas para quantificar o fenômeno, trata-se de um movimento que envolveu, de 1900 a 1929, mais de 350.000 pessoas,<sup>25</sup> justamente na fase em que a região paulista estava vivendo um processo de profunda transformação da estrutura produtiva e de organização social. Até hoje, os dados baseiam-se em estatísticas que foram publicadas nos boletins da Secretaria de Agricultura, sem se ter a possibilidade de consultar os papéis originais.<sup>26</sup> Uma parte dos originais das *Cartas de Chamada* está guardado no arquivo do *Memorial do Imigrante*, sede da antiga *Hospedaria* de São Paulo.<sup>27</sup> Os imigrantes que desembarcavam no porto de Santos entregavam a *Carta de Chamada* aos funcionários da *Inspectoria de Imigração* que, por sua vez, a arquivavam juntamente com as listas de desembarque dos navios e outros documentos na *Hospedaria*.

Existem vários tipos de *Cartas Oficiais*, ou seja, documentos formais que eram usados para autorizar o desembarque no porto de Santos: os preenchidos no Consulado Geral da Itália em São Paulo (ou outros consulados, segundo a nacionalidade do solicitante) em formulários impressos, dos quais se podem extrair os dados cadastrais

<sup>24</sup> Cfr. Decreto n. 9.081 de 03 de novembro de 1911, *Dá novo regulamento ao Serviço do Povoamento*. In: HORN IOTTI, Luiza (org.). *Imigração e colonização, legislação 1747 a 1915*. Caxias do Sul: Educus, 2001, p. 522-572. A lei é subdividida em 26 capítulos num total de 277 artigos; o capítulo XXIII que compreende os artigos de n. 231 a n. 238, trata da *Hospedaria da Ilha das Flores*, do porto do Rio de Janeiro, detalhando as normas de entrada, a permanência e a saída dos imigrantes da *Hospedaria*, a única que era financiada e reconhecida pelo Governo Federal.

<sup>25</sup> Cf. AESP, série Secretaria da Agricultura, Departamento de Imigração e Colonização, *Estatística dos trabalhos executados pelo Departamento de Imigração e Colonização durante o ano de 1961*. São Paulo, 1962. p.44.

<sup>26</sup> Cf. VANGELISTA, Chiara. *Le braccia per la fazenda*. Immigrati e “caipiras” nella formazione del mercato del lavoro paulista (1850-1930). Milano: Franco Angeli, 1982. pp. 96-114.

<sup>27</sup> As *Cartas de Chamada* hoje consultáveis, divididas em 5 caixas, são cerca de 2.000 para um período compreendido entre 1911 e 1927. Aproveito a ocasião para agradecer a diretora executiva do *Memorial do Imigrante*, Sra. Ana Maria Leitão Vieira, por ter me dado a mais completa disponibilidade e liberdade de consulta do Arquivo; um agradecimento particular também para a Sra. Midory Kimura Figuti, que me mostrou todos os segredos do arquivo do *Memorial*, organizado por ela com rara paixão e competência por mais de trinta anos. Hoje, as *Cartas de Chamada* são objeto de um projeto de pesquisa do LEER-USP (Laboratório de Estudos sobre Etnicidade Racismo e Discriminação), desenvolvido em co-participação com o *Memorial do Imigrante*, a Universidade de Gênova, o Arquivo do Estado de São Paulo, o Instituto Italiano de Cultura e o Instituto Cultural Ítalo-Brasileiro, para a constituição de um Arquivo Virtual da Imigração Italiana.

fundamentais e a profissão, tanto de quem chama, quanto de quem é chamado; os redigidos pela própria *Inspectoria de Imigração* do porto de Santos a pedido de quem chama e que têm a função de não-objeção ao desembarque, redigidos em Santos, expedidos para a Itália e retornados a Santos nas mãos da pessoa chamada; os redigidos pelas Prefeituras na Itália com diversos tipos, mas quase sempre com função de não-objeção ao desembarque.

Muitos documentos, por exemplo, mais do que autênticos reencontros familiares, atestam uma movimentação contínua entre os dois países (e não raro, a rede inclui pontos e articulações em outros países, freqüentemente, por exemplo, a Argentina ou o Uruguai) que essas redes familiares mantiveram por muitos anos:

O Prefeito Certifica que Franchi Alessandro, antes Giuseppe, nascido em Careggine, residente em Castelnuovo, há mais de quarenta anos residente em São Paulo, Brasil, onde possui bens estáveis, comércio e a própria família, que de lá o chama tendo urgência de fazer liquidações e vendas, sendo urgente sua presença para executar as referidas operações. Portanto, o dito Franchi Alessandro deve novamente expatriar com urgência para o Brasil.

Prefeito de Castelnuovo di Garfagnana, 12 de junho de 1922.<sup>28</sup>

Nesse caso – e certificados similares expedidos pelas prefeituras encontram-se muitos entre as cartas de chamada – é evidente que essa espécie de “auto-chamada” é um tipo de atestado de relações, não apenas afetivas e familiares, mas também econômicas, que se mantiveram por décadas entre uma parte da família emigrada no Brasil e a outra parte que permaneceu na Itália.

*... procure partir logo, o mais rápido possível ...*

Tencionando a Diretoria do Serviço de Propaganda e Exportação Econômica do Brasil no Estrangeiro redigir um opúsculo, salientando as condições favoráveis de que gozam os colonos estabelecidos no Brasil [...] solicito que sejam remetidas cartas de colonos, dirigidas a parentes seus na Europa e nas quais eles façam alusão á sua satisfação por haverem emigrado para aqui [...] ao melhoramento que obtiveram nas suas condições econômicas.

Comunicado de 13 de fevereiro de 1909<sup>29</sup>

<sup>28</sup> Carta de chamada, AMI, São Paulo.

<sup>29</sup> Cfr. AESP (Arquivo do Estado de São Paulo), série Secretaria da Agricultura 1823-1926, Comércio e Obras Públicas, *Comunicado de 13 de fevereiro de 1909*.

Minha e amada Mãe,  
[...] procure partir logo, o mais rápido possível, e pelo menos chegue aqui antes da colheita do café, que é muito vantajosa para mim, pois assim minha mulher me ajuda com seu trabalho a pagar esta dívida que encontrei com meu pai

Carta de chamada, AMISP, São Paulo, 2 de fevereiro de 1912

A *distância*, como dissemos, é o impulso determinante para desencadear a escrita e, em contexto migratório, assume um significado peculiar e emblemático, inclusive de evocar uma condição existencial para os emigrantes. Da inicial *distância* física, geográfica, afetiva, que já é dolorosamente percebida desde a partida, momento da gênese da condição migrante, até a *distância* que se alimenta da dilatação do espaço e do tempo. Apesar do paciente e tenaz trabalho de escrita na tentativa de remendar o rasgo da separação, inevitavelmente, com o prolongar-se de uma situação temporária sempre direcionada para um possível pronto retorno, a *distância* inicial transforma-se em condição permanente e gera a *distância* cultural, lingüística e identitária<sup>30</sup>. Assim, a carta configura-se como o paradigma da emigração: fruto do distanciamento e da separação, produto da necessidade de comunicação à distância, resultado da tentativa de anular as distâncias e, ao mesmo tempo, testemunho e prova da laceração em curso, além de veículo das transformações futuras.

Com relação aos conteúdos, as cartas têm permitido investigar a integração dos emigrados no país de acolhimento, a desagregação familiar, o afastamento e a reunião, a permanência ou a modificação das atitudes mentais tradicionais, os conflitos de classe e as respostas das diversas gerações aos desafios que as novas sociedades propunham a elas. Foi a utilização de fontes como cartas, diários, memórias e fotografias dos emigrantes que permitiu, juntamente com dinâmicas subjetivas e também com as redes de relações entre comunidades de partida e de chegada que se articulavam dentro dos fluxos migratórios, dar ao fenômeno emigração uma profundidade maior, passando por caminhos de escolhas e motivos muitas vezes diversos entre si, reconstituindo os sonhos e as esperanças das muitas pessoas comuns que singraram o oceano para alcançar as Américas.

Com efeito, através das missivas não são apenas mantidos contatos com os familiares, mas se fornecem importantes elementos que

<sup>30</sup> Permito-me indicar CROCI, Federico e BONFIGLIO, Giovanni. *El baúl de la memoria. Testimonios escritos de inmigrantes italianos en el Perú*. Lima: Fondo Editorial del Congreso de la República del Perú, 2002; em particular o primeiro capítulo "Palabras de la lejanía. Escritos de inmigrantes como fuente histórica", pp. 19-35.

determinam as escolhas de quem ainda deve pensar em partir ou já está aponto de fazê-lo. Em particular, as metas de chegada são avaliadas em relação à possibilidade de trabalho e quem já emigrou lança as bases para a construção de uma ponte de notícias. Por isso, as missivas têm um duplo valor: de um lado, são textos domésticos e de uso familiar, de outro, também assumem uma importância pública já que se mostram uma fonte de informações de primeira mão insubstituível, na qual se deposita uma confiança não concedida às estatísticas oficiais ou às lisonjas dos agentes de emigração. O comunicado da *Secretaria de Agricultura*, que citamos no início da seção, tinha exatamente o objetivo de fazer uso público das cartas dos colonos para os parentes para dar maior impulso à propaganda pró-emigração feita pelas agências do governo no exterior. A imprensa da época na Itália, tanto pró como contra emigracionista, fez largo uso da correspondência privada no intento de tornar mais plausível a própria linha política. As redes migratórias que esvaziavam países inteiros têm, portanto, resistentes malhas de papel que regulam e endereçam o fluxo dos parentes.<sup>31</sup>

No que diz respeito às *Cartas de Chamada* da *Hospedaria*, existem muitos casos em que o remetente procura convencer de modo explícito o parente a não partir, mas a presença da carta entre os papéis da *Hospedaria* nos revela um comportamento em total dissonância com

<sup>31</sup> Sobre a escrita dos emigrantes e suas potencialidades como fontes para a história, e para a história da língua no Brasil, ainda não se firmou uma sólida tradição de estudo. Existem muitas publicações, principalmente de testemunhos autobiográficos, na maior parte dos casos referindo-se à experiência da colonização dos estados do sul, cuja edição deve-se à organização e ao trabalho de estudiosos como DE BONI, Luis Alberto e COSTA, Rovílio. Para oportunas referências bibliográficas, indico FRANZINA, Emilio. *L'immaginario degli emigranti. Miti e raffigurazioni dell'esperienza italiana all'estero fra i due secoli*. Treviso: Pagus, 1992. No que diz respeito ao uso dos testemunhos escritos como fonte para a história, referente à experiência da colonização agrícola, é obrigatório o clássico, DAVATZ, Thomas, *Memórias de um colono no Brasil: 1850*. São Paulo: Edusp, 1980 (com prefácio e notas de Sérgio Buarque de Hollanda); trata-se do conhecido diário-memória do mestre da colônia de Ibicaba que, quando foi publicado em 1858, na Suíça, suscitou uma onda de indignação na opinião pública, identificando o Brasil como um país inadequado para receber imigrantes europeus. Com relação à correspondência dos colonos, ver BENDOCCHI, Débora Alves. Cartas de imigrantes como fonte para o historiador: Rio de Janeiro-Turingia (1852-1853). In: *Revista Brasileira de História*, n. 45, 2003, pp. 155-184; que analisa nove cartas de imigrantes alemães nas fazendas da província do Rio de Janeiro nos anos 1852-1853, publicadas por revistas alemãs da época, descobertas nos arquivos de Turingia. No âmbito específico da análise lingüística de cartas de emigrantes, para o caso brasileiro, ver, BANFI, Emanuele. *Analisi variazionistiche nelle lettere di un migrante ladino in Brasile a metà '800*. In: Id. e CORDIN, Patrizia (org). *Pagine di scuola, di famiglia, di memorie*. Per una analisi del multilinguismo nel Trentino austriaco. Trento: Museo Storico in Trento, 1996.

os conselhos recebidos dos familiares<sup>32</sup>, abrindo, assim, um filão de estudo muito interessante sobre a carta como veículo de notícias e reguladora de fluxos. Em alguns casos, raros, trata-se de cartas escritas propositadamente para consentir o embarque dos parentes e por isso privadas, ou quase, das características de testemunho escrito que fazem das cartas uma fonte insubstituível para o estudos dos aspectos culturais da história da emigração. Em outros casos, encontramos diante de um fragmento de epistolário que ficou preso nas malhas da burocracia estatal, que tenta regular o movimento das pessoas nos mesmos padrões das mercadorias. É supérfluo ressaltar que esse tipo de papéis nos consente analisar as estratégias pessoais e familiares, apesar de os documentos disponíveis serem muito fragmentários e terem caráter episódico. Não podemos, de fato, dispor de epistolários, mas apenas de amostras e fragmentos isolados de epistolários que, em alguns casos fortuitos, podem ser micro-epistolários compostos por 2 ou 3 cartas, eventualmente de entrada e saída, que o parente, ansioso para receber a permissão de desembarque, entregou à *Inspectoria de Imigração* do porto de Santos.

No que diz respeito à *questão da língua*, como se sabe, o binômio língua e cultura<sup>33</sup> constitui uma unidade indivisível dentro da qual é possível identificar uma série de relações articuladas e complexas – *a língua traduz a cultura no sentido antropológico, a cultura cria a língua e vice-versa*<sup>34</sup> – que contribuem para a definição, ou melhor, demarcação identitária do falante, podemos dizer – em última análise – que toda língua “apoia-se” e se estrutura em torno de um imaginário e de uma cultura de pertencimento. As cartas representam um italiano escrito submetido ao contato mais ou menos prolongado com a língua e a cultura do país hospedeiro, são a cristalização – seria o caso de dizer, o preto no branco – de interferências lexicais e morfossintáticas que muitas

<sup>32</sup> Há um caso, que se prestaria a uma fácil ironia, em que o remetente dirige-se à sogra pedindo para ela não vir ao Brasil e quase ameaçando de ir ele mesmo à Itália ou, como segunda solução, à Mendoza para se reunir à outra parte da família. Ou seja, avisa para a sogra que não venha, senão ele irá embora, seguindo os rumos da “rede” a sua disposição. O remetente escreve em 2 de fevereiro de 1911 e a carta tem o carimbo da *Inspectoria de Imigração* do porto de Santos com data de 21 de outubro do mesmo ano.

<sup>33</sup> A bibliografia sobre esta questão é vastíssima, trata-se de um dos pontos que a antropologia do início do século XX estudou profundamente, limito-me a indicar o clássico de MALINOWSKY, Bronislaw. *Teoria científica della cultura*. Milano: Feltrinelli, 1962; para uma panorâmica geral, ver FABIETTI, Ugo. *Storia dell'antropologia*. Bologna: Zanichelli, 2001, e as reflexões feitas por CARDONA, Giorgio Raimondo. *Introduzione all'etnolinguistica*. Bologna: Il Mulino, 1976.

<sup>34</sup> Cfr. LONGO, di Cristofaro Gioia, MARIOTTI, Luciana (org.). *Modelli culturali e differenza di genere*. Roma: Armando, 1998, p. 11.

vezes se verificam também na fala, mas principalmente nos oferecem a oportunidade de estudar detalhadamente algumas fases do contato entre língua e cultura de origem e língua e cultura hospedeira, oferecendo motivo de reflexão sobre os processos culturais desencadeados pelo fenômeno migratório. É, de fato, através da língua que são veiculados os processos de aculturação, integração e/ou assimilação com as sociedades hospedeiras. Assim como é na língua que são aplicadas ou estudadas as estratégias de propaganda e manipulação do consenso, ou de repressão de comunidades consideradas potencialmente perigosas. A este propósito, basta pensar no que aconteceu aqui no Brasil durante o período do *Estado Novo* com o decreto de 1938 sobre a naturalização dos estrangeiros e o subsequente decreto de 1941 que proibia a venda e a circulação de jornais em língua estrangeira e vetava o uso público de uma língua estrangeira<sup>35</sup>. Situação quase paradoxal em uma São Paulo que ainda naqueles anos contava com uma comunidade italiana numerosa que se manteve como o maior grupo étnico estrangeiro desde 1940, ano em que foi superado pelos portugueses<sup>36</sup>.

Não sei se uma cidade poderia ser mais italiana que São Paulo! No bonde, no teatro, na rua, na igreja, falava-se mais o idioma de Dante do que a língua de Camões. Os maiores e mais numerosos comerciantes e industriais eram italianos [...] Coisa realmente assustadora. A impressão de que íamos perder a nacionalidade, ser absorvidos aterrava<sup>37</sup>.

O fascismo, assim como os regimes totalitários, fez da defesa e salvaguarda da língua<sup>38</sup> nacional uma das políticas de regime voltadas a identificar a exaltação patriótica e nacionalista com a construção de

<sup>35</sup> Cfr. MACHADO CAMPOS, Cynthia. *A política da língua na era Vargas*. Proibição do falar alemão e resistências no Sul do Brasil. UNICAMP: Campinas, 2006; BUENO, Alexandre Marcelo. *Intolerância Lingüística e Imigração*. São Paulo: 2006, Tese de Mestrado. Programa de Pós-graduação em Semiótica e Lingüística Geral da FFLCH-Universidade de São Paulo. Orientadora Prof<sup>a</sup> Dra. Diana Luz Pessoa de Barro.

<sup>36</sup> Ver HALL, Michael. Imigrantes na cidade de São Paulo. In: PORTA, Paula.(org.). *História da Cidade de São Paulo*, vol. III. São Paulo: Paz e Terra, 2004, p. 124. Para a distribuição no território do estado de São Paulo subdividida por nacionalidade e décadas, cfr., BASSANEZI, Maria Silvia Beozzo. *População, imigração e propriedade da terra* – procedimentos de pesquisa. “XV Encontro Nacional de Estudos Populacionais”, ABEP, Caxambu - MG, 18-22 de setembro de 2006.

<sup>37</sup> LEITE, Aureliano. Italianos em São Paulo. O Estado de São Paulo, 20 de abril de 1954. In: CARELLI, Mario, *Carcamano e comendadores*. Os italianos de São Paulo: da realidade á ficção (1919-1930). Ática: São Paulo 1985, p. 31.

<sup>38</sup> Sobre a política do fascismo no campo lingüístico, ver as atas do congresso organizado pelo Centro Ligure di Storia Sociale, de 22 a 24 de março de 1984, em Genova, coordenado por COVERI, Lorenzo. *Parlare fascista*. *Lingua del fascismo, política linguística del fascismo*. In: *Movimento Operaio e Socialista*, n. 1, anno VII, 1984.

uma identidade nacional que coincidissem com o próprio fascismo. Sob este ponto de vista, os dois nacionalismos lingüísticos, o *estadonovista* e o fascista entraram em aberta colisão mesmo antes da entrada do Brasil na guerra ao lado dos anglo-americanos. O uso instrumental da questão da língua como estratégia geopolítica do regime fascista com relação às comunidades italianas no exterior é evidente nesta declaração que Mussolini fez em 1920,

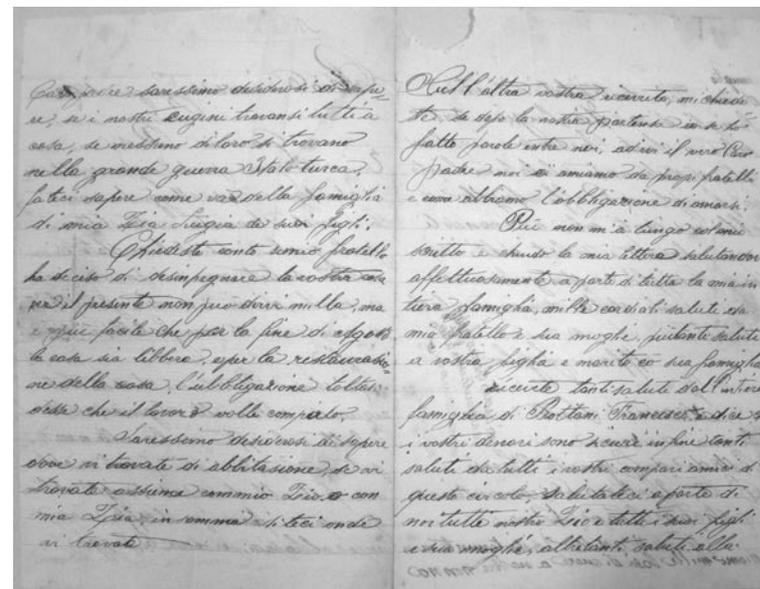
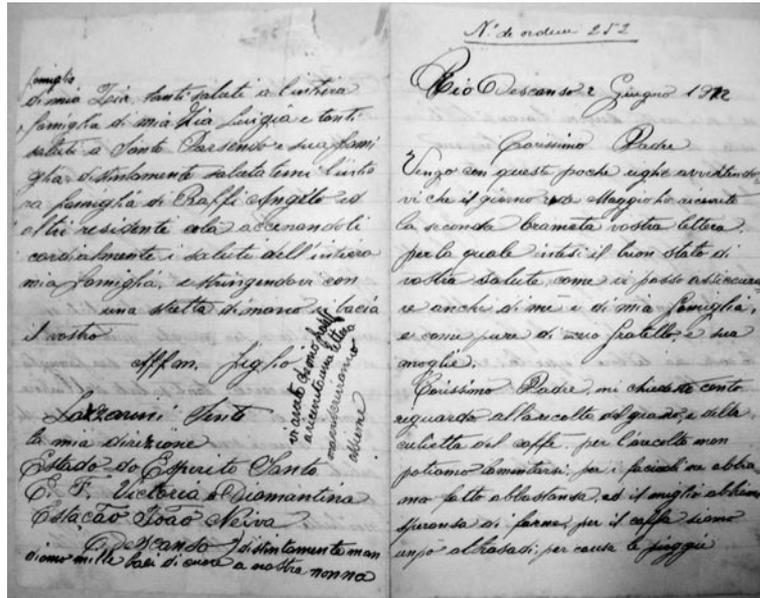
Em cinqüenta anos de vida, a Itália realizou progressos maravilhosos. Antes de mais nada, existe um dado de fato que é a vitalidade de nossa estirpe, de nossa raça. [...] Em 1870, a Itália chegava a 27.000.000 de habitantes; agora, possui 50.000.000: 40.000.000 na península, e é o bloco mais homogêneo que existe na Europa. [...] Juntamente com estes 40.000.000 na Itália, existem 10.000.000 espalhados em todos os continentes, para além de todos os oceanos: 700.000 italianos estão em Nova Iorque; 400.000 no Estado de São Paulo, onde a língua oficial deverá se tornar a língua italiana<sup>39</sup>

Converter a língua italiana em língua oficial em São Paulo, em 1920, era mais uma ação de propaganda, uma balela demagógica, e não uma aspiração plausível ou razoável, mas nos mostra quão precoce era a preocupação do fascismo para com a *questão da língua*, se já dois anos antes da *Marcha sobre Roma*, Mussolini procurava entusiasmar a praça da Trieste reconquistada com tais afirmações.

<sup>39</sup> Cfr., Scritti e Discorsi di Benito Mussolini, Vol. II. *La Rivoluzione Fascista (23 marzo 1919 – 28 ottobre 1922)*. Milano: Hoepli, 1934, pp. 95-96, discurso feito em Trieste em 20 de setembro de 1920, pelo 50º aniversário da tomada de Roma.

*A colheita do café e a guerra ítalo-turca*

**Figuras 2 e 3:** Carta de Chamada, Arquivo do Memorial do Imigrante de São Paulo, desembarcou no porto de Santos com o navio Tommaso di Savoia o 4 de Julho de 1912.



O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil

A carta acima (figuras. 2 e 3) também faz parte do acervo de *Cartas de Chamada* do Memorial do Imigrante de São Paulo. O destinatário da carta desembarcou no porto de Santos com o Vapor *Tommaso di Savoia*, em 4 de julho de 1912.

### Transcrição

Rio Descanso 2 giugno 1912

Carissimo Padre

Vengo con queste poche righe avvertendovi che il giorno rXde [illeggibile] Maggio ho ricevuto la seconda bramata vostra lettera per la quale intesi il buon stato di vostra salute come vi posso assicurare anche di me e di mia famiglia, e come pure di mio fratello e sua moglie.

Carissimo Padre, mi chiedete conto riguardo allarecolto del grano e della culietta del caffè. per l'arecolto non potiamo lamentarsi per i facioli ne abbiamo fatto abbastanza, ed il miglio abbiamo speransa di farne, per il caffè siamo unpo' atrasadi, per causa di le piogge

[cambio pagina]

Caro Padre, saressimo desiderosi di sapere, se i nostri cugini trovansi tutti a casa, se nessuno di loro si trova nella grande guerra Italo-turca. fateci sapere come va della famiglia di mia zia Luigia dei suoi figli.

Chiedeste conto se mio fratello ha deciso di disimpegnare la vostra casa per il presente non può dirvi nulla, ma è più facile che per la fine di Agosto la casa sia libera, e per la restaurazione della casa l'ubbligazione toltasi desse che il lavoro volle compirlo.

Saressimo desiderosi di sapere dove vi trovate di abbitazione, se vi trovate assieme commio Zio o com mia Zia, insomma diteci onde vi trovate

Quall'altra vostra ricevuta, mi chiedeste, se dopo la vostra partenza se ho fatto parole entre noi, adirvi il vero Caro padre noi ci amiamo come propi fratelli e come abbiamo l'obbligazione di amarsi,

Più non m'à lungo col mio scritto e chiudo la mia lettera salutandovi affettuosamente a parte di tutta la mia intiera famiglia, mille cordiali saluti da mio fratello e sua moglie, piütanti saluti a vostra figlia e marito cò sua famiglia.

ricevete tanti saluti dall'intiera famiglia di Bottani Francesco, e dice che i vostri denari sono sicuri infine tanti saluti da tutti i vostri compari amici di questo circolo, salutateci a parte di tutti noi nostro Zio e i tutti i suoi figli e sua moglie, altrettanti saluti alla

[cambio pagina]

famiglia di mia Zia tanti saluti a l'intiera famiglia di mia Zia Luigia e tanti saluti a Santo Parsendo e sua famiglia distintamente salutatemì l'intiera famiglia di Baffi Angelo ed altri residenti colà accenandoli cordialmente i saluti dell'intiera mia famiglia e stringendovi con una stretta di mano vi bacia il vostro Affm Figlio

[scritto di traverso]

vi avverto che mio fratello à ricevuto una lettera maviscrivamo assieme

Lazzaroni Sante

la mia direzione

Estado do Espirito Santo

E.F. Victoria Diamantina

Estação Joao Neiva Descanso  
distintamente mandiamo mille baci di cuore a nostra nonna

Rio Descanso 2 de junho de 1912

Caríssimo Pai

Venho com estas poucas linhas avisar que no dia rXde [ilegível] de Maio, recebi a segunda tão esperada vossa carta pela qual soube do bom estrado de vossa saúde e o mesmo posso dizer de mim e minha família e também de meu irmão e sua esposa.

Caríssimo Pai, o senhor me pergunta da colheita dos grãos e do café. Da colheita não podemos reclamar do feijão, pois foi bem grande, e o milho temos esperança que seja também, quanto ao café estamos um pouco atrasados por causa das chuvas. [mudança de página]

Caro Pai, gostaríamos de saber se nossos parentes estão todos em casa, se nenhum deles encontrou trabalho na grande guerra Italo-turca. Diga-me como está a família de minha tia Luigia e de seus filhos.

O senhor perguntou se meu irmão desocupou vossa casa, mas para o momento não posso dizer nada, mas é provável que a casa esteja liberada no final de agosto, e sobre a reforma ele diz que esta obrigação é dele e que a vai cumprir.

Gostaríamos de saber onde o senhor está morando, se junto com meu tio ou com minha tia, ou seja, onde o senhor se encontra.

Em outra carta, o senhor me perguntou se depois de vossa partida nós nos falamos, para dizer a verdade Caro pai nós nos amamos verdadeiros irmãos e temos a obrigação de nos amar.

Não me alongo mais com minha escrita e termino a carta cumprimentando-o afetosamente por parte de toda minha inteira família, mil cordiais saudações de meu irmão e sua esposa, outros tantos cumprimentos à vossa filha e o marido com sua família.

Recebi muitos cumprimentos de toda família de Bottani Francesco, que disse que vosso dinheiro está seguro. Por fim muitos cumprimentos de todos vossos compadres amigos deste círculo, cumprimente da parte de todos nós nosso Tio e todos os seus filhos e sua esposa, cumprimente também

[mudança de página]

a família de minha Tia, muitos cumprimentos para toda a família de minha Tia Luigia e muitos cumprimentos a Santo Parsendo e sua família, distintamente cumprimente por mim toda família de Baffi Angelo e outros moradores daí mandando-lhes cordialmente os cumprimentos de toda minha família e cumprimentando-lhe com um aperto de mão vos beija o vosso Affm Filho

[escrito na lateral]

aviso-lhe que meu irmão recebeu uma carta, mas vos escrevemos juntos

Lazzaroni Sante

Minha localização

Estado do Espírito Santo

E.F. Victoria Diamantina

Estação João Neiva Descanso

distintamente mandamos mil beijos de coração para nossa avó.

O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil

Fica imediatamente evidente que a estrutura do texto é fortemente influenciada pelas fórmulas típicas da escrita epistolar tanto nos

cumprimentos de abertura<sup>40</sup> (*Venbo com estas poucas linbas*) quanto nas de finalização (*Não me alongo mais com meu escrito e termino a carta cumprimentando-o afetuosamente por parte de toda minha inteira família, distintamente mandamos, distintamente cumprimente por mim*) em que estão presentes ecos e referências de modelos escolares adquiridos de modo incerto ou impróprio que geram um contraste gritante sob o ponto de vista lexical (*a segunda tão esperada vossa carta*).

A relevância dos clichês e da utilização de fórmulas explica-se facilmente com o peso que as expressões fixas têm nas culturas orais ou semi-orais por causa das funções a elas atribuídas, ao contrário das culturas baseadas na escrita ou na imprensa<sup>41</sup>.

A divisão aleatória das palavras é outro dos elementos típicos da escrita popular (*allarecolto, l'arecolto, unpò, maviscrivamo*). As interferências lexicais do português são muitas (*atrasadi* [atrasado]), mas em particular são significativas as relativas ao trabalho no campo, como se testemunhassem a sedimentação de elementos de cultura local que em língua materna não tinham um correspondente culturalmente bastante forte e estável para resistir a tais interferências. A equivalência sociolinguística de expressões como *culietta del caffè*, operação que seguramente não fazia parte dos hábitos camponeses antes da chegada ao Brasil, ou *miglio* no lugar de milho, têm o poder de evocar transformações culturais profundas no momento da escrita

Inclusive a presença de modelos burocráticos imitados de modo desajeitado (*trovansi, l'ubbligazione toltasi, residenti colà*) é outro elemento recorrente na escrita popular, entre os que citamos no início deste trabalho<sup>42</sup>.

<sup>40</sup> Com relação à conservação das fórmulas na escrita epistolar das classes subalternas basearam-se todos os estudos, a partir dos clássicos de THOMAS, William Isaac e ZNANIECKI, Florian. *Il contadino polacco in Europa e in America*, cit.; e SPITZER Leo, *Lettere di prigionieri di guerra italiani*, cit. As conclusões a que os autores chegaram, percorrendo caminhos diferentes e analisando gêneros e contextos geográficos e culturais muito distantes entre si, apresentam muitas analogias e confirmam ainda mais a tese da uniformidade de fundo das correspondências populares. Mas como acontece com frequência, mesmo permanecendo como ponto de referência fundamental para aqueles que queiram se aproximar do estudo desses documentos, esses célebres estudos têm também, em certa medida, contribuído para a formação de preconceitos e estereótipos – a uniformidade e o estilo formular é tal a ponto de tornar esses documentos praticamente todos iguais e inúteis para o pesquisador, seja ele historiador ou linguista – que ainda hoje pesam sobre esse gênero de documentos.

<sup>41</sup> FRANZINA, Emilio. L'epistolografia popolare e i suoi usi. In: Per un Archivio della scrittura popolare, *Materiali di lavoro*, n. 1-2, 1987, pp. 27-28.

<sup>42</sup> Em particular cfr. CORTELLAZZO, Manlio. *Avviamento critico allo studio della dialettologia italiana*, cit.; e BERRUTO, Gaetano, *L'Italiano popolare*, cit.

A importância de receber cartas e manter sólidas ligações familiares através da correspondência está bem em evidência na expressão *Saremmo desiderosi di sapere* [Gostaríamos de saber] – reinvenção criativa e extraordinariamente sugestiva de um condicional que consegue nos comunicar diretamente a ansiedade por notícias que podia atravessar os oceanos – repetida duas vezes, além do espaço dedicado à lista das pessoas a cumprimentar que ocupa quase uma página e meia de todo o texto. A interferência da grafia do português é evidente em expressões como *commio Zio* ou *com mia Zia*. O fato de que parte do texto tenha sido acrescentada depois e escrita de lado, é outro elemento típico destes documentos em que os aspectos gráficos e materiais têm uma importância notável para nos ajudar a identificar o grau de familiaridade com o meio de escrita do autor. A substituição do *z* pelo *s* em *speransa* e *abbitaSione*, é mais uma interferência do português ou talvez a herança de um substrato dialetal típico do nordeste padano (mas faltam alguns dados da proveniência regional de quem escreveu), que já foi notado no caso dos soldados da Grande Guerra. Resta assinalar uma última questão de particular importância: a preocupação em saber se algum parente partiu para a *grande guerra Italo-turca*, parece vislumbrar o eco da propaganda de guerra que a imprensa em língua italiana retransmitia em São Paulo, não é citada como guerra da Líbia, mas sim como *grande guerra Italo-turca*, ou seja, a expressão que era usada nas primeiras páginas da imprensa local, a primeira grande mobilização nacional que viu alinhados a favor da guerra intelectuais e poetas internacionalmente conhecidos e principalmente até então alinhados com o movimento socialista, como foi o caso de Giovanni Pascoli. Isto significa que a atenção para as questões políticas internacionais e italianas em particular era constante, assim como o nível de informação atualizado, seja pela imprensa, seja pela correspondência.

A análise desta carta é apenas um exemplo da riqueza e das possibilidades oferecidas por uma fonte deste tipo. Ter à disposição um repositório de material tão rico é uma ocasião extraordinária para começar a pensar nas modificações das línguas por contato, até do ponto de vista da escrita e não somente da fala, de maneira não episódica. O acervo das *Cartas de Chamada* oferece-nos a possibilidade de analisar uma quantidade considerável de documentos, sem dúvida fragmentos, pedaços do enorme fluxo de papel que foi trocado entre a Itália e o Brasil - mas o caráter serial nesse tipo de documentos é impossível e, em certa medida, inútil, justamente porque o estudo que se pode fazer deles é sempre de caráter qualitativo – pode ser a ocasião para se adentrar em profundidade nos mecanismos de contaminação e modificação lingüísticas, portanto cultural, de que os processos migratórios são um potente acelerador.

O chamado das cartas: migrações, cultura e identidade nas cartas de chamada dos italianos no Brasil